

A EVOLUÇÃO

25 DE JANEIRO
DE 1891

EVOLUÇÃO

do Recife
Pernambuco



ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO

Parahyba

Domingo, 25 de Janeiro de 1891

N. 1

Anno I

Expediente

ESCRITORIO E REDACÇÃO

Rua General Ozorio
n. 44, para onde se
de redigir todo o
qualquer negocio

Publicações

Uma vez por semana

Assignaturas

Por um mez 300
Numero avulso 100

A EVOLUÇÃO

Parahyba, 25 de Janeiro de 1891.

O nosso titulo por si já é um programma; entretanto para não destoarmos da pratica geral estabelecida na vida do jornalismo, vamos fazer a nossa apresentação ao publico com algumas palavras explicativas dos nossos apparecimentos e dos nossos intuitos na carreira que encetámos.

Brigida por uma pleiade de moços sequiosos de trabalhar *pro patria* e dedicados ao estudo de sciencias que entendem directamente com todos os ramos de serviços inherentes a uma nacionalidade constituida, a Evolução, contando com a boa accenção do publico, caveredará, pelo honroso caminho traçado pelo progresso á imprensa moderna.

Onde quer que se inicie a lucta pelo bem, ahí estaremos valentes e destimidos no proporcionar o noso concurso em pro do engrandecimento moral do paiz e mui particular-

mente da Parahyba, que nos avio os primeiros vagidos. Enaltecemos os nossos passos em todos os terrenos que possam nobilitar o homem na sociedade, e peremos particularmente, deante o nosso throno, para que não nos valamos pelo alcantis de muitos das discussões pessoais, cheias de allusões ignobis e que terminão sempre pela morte da dignidade dos contendores.

Emittimos juizes criticosos sobre tudo que estiver ao alcance de nos intelligens, e a esse fim não são indifferentes; as letras, as sciencias, a politica e tambem a litteraria, e a que se sustenta no meio da vida de uma sociedade individual e incógnita, saeis que tem atrophado a nossa civilisacão, mas a verdade politica, que consistia na busca da verdade e a prohibida direccão dos seus destinos.

Ahi lra o nosso program; mas agora o publico que se dedica a sua observacão de nossa patria. De certo julgamos preencher uma lacuna, um vazio sensível na imprensa de nossa capital, que ha alguns mezes a esta parte, se acha privada de lucta variada.

Possam as nossas intencões merecer o apoio de todos os parahybãnos que sabem comprehendder a importancia de uma imprensa livre e dea- tro em pouco r presentaremos o nosso Estado como merecem e sabem fazer as mais importantes Gazetas do Sul e Norte da Republica, em relacão á circumscripcões em que são dadas á publicidade.

Com a imparcialidade, pois, que nos deve caracterizar, defenderemos, d'hoje por diante, e com ardor, os interesses de todas as classes de nossa sociedade.

Com surpresa geral aprensamos ao publico deste Estado a Evolução.

Estamos certos de que o nosso jornal será recebido por uma parte da população com o bem da patria, a independencia ou mesmo pendencia e prosperidade da imimosidade, mas que outra republica brasileira, levantar-mais livre e critica depondo-nos para mostrar que o não em nós algumas de suas esperanças, em recam-pensa da liberdade e sacrificio que praticamos, collocando-nos no plano da franqueza que é o verdadeiro patriotismo.

O jornalismo parahybano, que desde muitos annos se tem apresentado por todos os lados, e meo aliado quer pela benevolencia daquelles que o tem dirigido, quer pelo fim a que tem sido destinado, não podia resistir ao primeiro golpe de uma revolução.

Um jornalismo sem bases e sem principios, que não mereca a estima e confiança publicas, não podia tambem subsistir as individualidades que representava.

Ahi, é que vimos depois de 15 de Novembro, desapparecer um apaz outros todos os ramos de publicidade, do mesmo modo que desappareciam as entidades politicas.

Estas acham-se sepultadas sob as ruinas d'aquella.

Mas se o jornalismo que morreu a 15 de Novembro mereca ainda hoje de nós todo o desprezo por não se haver compenetrado do seu verdadeiro fim, esqueceu-lo-se de que a causa publica devia merecer mais que uma familia, que meia caiz de amigos, não o merece menos que d'aquella data em diante, não se tiver afastado do mesmo caminho e não marchar de accordo com os principios democraticos que distinguem a actual forma de governo.

Era já tempo portanto, de nós que somos mecos, que não tivemos interesse na politica passada nem o temos por uma parte da população nos o bem da patria, a independencia ou mesmo pendencia e prosperidade da republica brasileira, levantar-mais livre e critica depondo-nos para mostrar que o desanimo que parece ter contaminado todo o espirito publico, só attingio aquelles que, por seu mau passado ou inutilidade para o presente, não se podem apresentar hoje pelo descredito em que cahiram, mas, não a mocidade, porque é ella a esperança, o futuro, porque só á ella cabe o engrandecimento da patria.

Collaboração

Sobre a sorte da mulher.

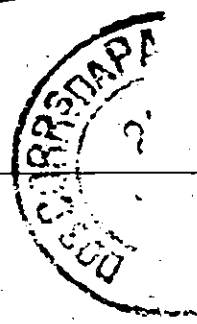
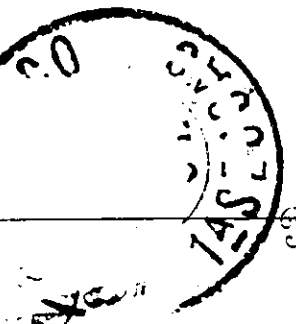
D'agora la, muito desgraçada, tem sido a sorte da mulher em quasi todos os paizes, que não são alumados pelos raios do sol do Christianismo.

Quizera poder tratar d'esto assumpto, da mais alta importancia, de modo o mais cabal; mas não podendo fazer, limitar-me-hei á descrever alguns factos, que se prendem a elle, constantes das paginas da historia:

Compararei a minha descripcão, fazendo especial menção do seculo do Imperador Augusto, o qual chamou-se com toda a razão, a idade de ouro dos Romanos.

Je n'aquella tempo a mulher era lançada aos mais profundos abyssos da degradação.

Catóo o censor, encontrando, uma vez, a mulher á passear sem véo em uma das ruas da Roma, obrigou-a re-



colher se á casa, d'onde por
lão frívolo motivo, mandou
que os criados a lançassem
fora.

O grande Paulo Emilio
vendo a mulher com o na-
riz á estillar muito, disse-lhe
com o maior sangue frio: «
Mulher, retira-te de minha
casa, que é preciso que eu
procure outro nariz, que
estille menos para substituir
o teu».

Entre os Parthos, povo d'A-
sia, era tão grande crime
matar uma mulher, quanto
matar um gato!

As leis d'aquelle mesmo
povo permitião que os pais
vendessem a honra das filhas!

Na Arabia de hoje, que é
a mesma do tempo de Moysés,
as mulheres (horresco refe-
rens) são vendidas, á maneira
de mercadorias, nas feiras
publicas!

Os Inglezes teem feito um
cúmulo de esforços para que
seja abolida a *soltue* dos In-
dios; mas infelizmente esses
esforços não teem sido coroa-
dos de feliz resultado.

Onçamos o grande José I-
gnacio de Andrade nas suas
cartas da India e China: «As
mulheres na India são quei-
madas nas fogueiras consu-
midoras dos restos mortaes de
seus maridos, direi como te-
ve principio esse costume e
como ainda hoje se pratica
Brama não inven tou este
barbaro holocausto, foram
suas mulheres.

Quando essa divindade ex-
pirou, estas julgando-se viu-
vas da primeira pessoa da
trindade, tomaram em pon-
to de honra não lhe sobrevive-
rem; e lançaram-se na fo-
gueira devoradora do seu ido-
latrado.

Este exemplo levou as mu-
lheres dos bramas, e dos
militares ou rajapouts, á
fazerem o mesmo.

Os bonzos aticaram as
chammas da superstição, di-
zendo ás tristes viúvas: «A
que arder na fogueira de seu
marido, não transmigarrá; en-
trarás logo no planeta da puri-
ficação, a que rejeitar essa
graça, será lançada no
inferno para sempre»

Agitadas pelo amor, pertur-
badas pelo temor, e animadas
pela esperança, affrontão, ás
vezes, aquelle horrivel sacri-
ficio com resolução espantosa.

Logo que o marido morre,
a viúva abstem-se de tomar
alimento algum. Chegada a

hora do sacrificio, adorna se
com as suas joias mais preci-
sas, como se fôra o dia do
seu noivado. Os parentes,
e amigos acompanhão a des-
graçada entre alaridos, e
sons estrondosos de asperos
instrumentos.

A esse tempo já os bonzos
lhe têm esquentado o espiri-
to, com licores preparados
com opio; e quando chega o
termo fatal, distrahem a
victima, fazendo-lhe elogios
pelo seu heroismo. A mu-
lher não deve affrentar as
chammas com signaes de tris-
teza; precisa mostrar rosto
sereno, como se estivesse con-
vencida de ir gozar a bem-
aventurança; isto é, juntar-se
perpetuamente a seu marido
em melhor vida.

Algumas têm havido, que
indo queimar-se resolutas,
fugiram espavoridas, enca-
rando a violencia das cham-
mas.

Nesse caso ficam deshonra-
dos todos os parentes
da foragida: para lavarem
essa negra mancha, é lhes
preciso entregar as Pariás
Com tudo, depende da cir-
cunstancias a liberdade de se
queimarem as viúvas nas fo-
gueiras dos maridos.

Não pode queimar se a que
tem filhos menores; a que
está grávida, ou em molestia
periodica; nem aquella a
quem morre o marido estando
ausente.

As viúvas dos bramas sa-
cricião-se menos do que as
dos rajapouts; mas as tristes,
que obrevivem aos maridos,
são obrigadas á renunciar a
todos os prazeres da vida.

Comem uma só vez no dia,
rapão a cabeça, e jamais a
podem cobrir, sob pena de
perderem a casta.

Sendo os casamentos feitos
pelos parentes, quando o
noivo tem de doze á quatorze
anos, e a noiva de sete á
nove, não se juntão, em
quanto não têm idade propria.

Si o noivo morre sem con-
summar o matrimonio, fica
a infeliz condemnada á celi-
bato perpetuo.

Porem, leis contrarias a
natureza, produzem effeito
contrario ao que d'ellas se
espera»

Entre os Ambuellas, povo
d'Africa, é costume os pais
offerecerem as filhas aos hos-
pedes, e entre os Naires, povo
do Malabar, tambem é costume
um homem receber uma mo-

lidade avançada a mu-
lher que deve agradecer mais
é a que nos consagrou sua mo-
cidade, (Madame Neker,

Uma mulher verdadeira-
mente amavel é como uma
harmonia perfeita para os af-
fectos do homem (Senancour)

As mulheres são capazes
de tudo que nós fazemos; e a
única differença, que ha en-
tre ellas e nós, é que ellas
são mais amáveis. (Voltaire)

Ha mulheres que são pa-
ra a alma o que o clima de
Napoles é para o peito. (Bal-
zac)

Que me prende á Laura
é uma alma muito superior
a tudo o que se vê neste
mundo.

Sua conducta e seus costu-
mes são uma similtanga da
vida que se passa no céu.

Si eu tivesse a desgraça de
perder a, diria, como Lelio,
o mais sabio dos Romanos:
Eu amava sua virtude que,
ainda vive. (Pétrarque)

Aquelle que não é amigo
das mulheres, não nos dá uma
melhor ideia de seu espirito
que de seu coração. (Stahl,
D 154)

Ha alguma coisa mais
encantadora, que uma ama-
te, E' um amigo, (P. J. Stahl)

Eu tenho sempre olhado a
mulher, não como uma esposa
ou como uma amante, o
que não é muitas vezes se-
não fazer d'ella uma escrava,
ou um tyranno, e eu não tuho
jamais visto nella sinão uma
amiga, que Deus nos deu.

LITTERATURA

Nos paizes christãos a mu-
lher vive cercada das maiores
considerações; occupa na so-
ciedade o primeiro lugar, e
exercê em seus destinos a
mais benéfica influencia.

Muitos homens, que forma-
ram os primeiros elos da ca-
deia da intelligencia, foram
incansaveis em exaltar o meri-
to da mulher.

Alexandre Merculano, cojas
numerosas obras constituem
um dos mais ricos thesours
da litteratura portugueza, fal-
lando da mulher disse o se-
guinte: Si não fôra a mulher,
o mundo seria o mais tris-
te ermo.»

Petrarca em uma de suas
bellissimas poesias dedicadas
á Laura, disse: «A morte de
Laura é a desgraça do univer-
so.»

Não concluirei sem que di-
ga que as viúvas brasileiras
devem estar muito contentes
de sua sorte; por quanto não
são obrigadas, depois da mor-
te dos maridos, á renunciar
a todos os prazeres da vida,
nem á rapar a cabeça,
nem á trazel-a descoberta,
nem á comer uma só vez no
dia; ao contrario comem
quantas vezes quorem, dão se
a todos prazeres da vida, conser-
vão a cabeça todo cabelo,
que podem frisar e perfu-
mar; e podem empregar as
maiores diligencias, os mais
res esforços com o fim de se
casarem; e isto não deve
cauzar o menor reparo, quan-
do é certo que ha nos Esta-
dos Unidos da America do
Norte uma mulher, que é ca-
sada, quatorze vezes; e asse-
gura que, se ainda ficar viu-
va, casar se-ha, porque não
pode, de modo algum, acustu-
mar-se á viver sem marido.

Essa mulher, que tem feito
um curso completo de casti-
mentos, não deve incorrer na
menor censura; pois ella
mesma deve estar convencida
que o casamento é para to-
das as pessoas do seu sexo
o que a bussola é para o na-
vio, o que o ar é para vida, o
que a seiva é para as plan-
tas.

Diz-se que o governo dos
Estados Unidos vai mandar
condecorar essa heroína.

A. J. V.

FOLHETIM

Comecemos pela ponta para onde
atluio grande parte da população
desta capital.

Grupos de *senhoritas* elegantes,
risonhas passeiavam pela tardinha á
beira-mar em amistososa conversação
aspirando a morna e pura aragem
que vinha do oceano.

As ondas palpitantes espariavam
se pelo comoro da praia, indol-
mhar os pés das graciosas passei-
antes, marchotando-as d'arcia e sar-
gãos.

Além uma jangadilha de vela fca-
da fluctuava quasi aqalto mar.

D. M. avistando-a dizia aquella
jangadilha vem em direcção á
ponta.»

Uma outra conta lava se não só
ella como mais duas que muito além
divulgo, tomão outro rumo, não-
vêm para a ponta, e, para afirmar
o que venho de dizer, vou deitar
o binoculo.

Ah! agora me recordo o binoculo
está em casa do Sr. Candido
Jayme.

Chama por uma irmanzinha e man-
da buscá-lo.

Em poucos momentos vem cha-
gando a criancinha, que trazia o
objeto procurado.

Aternura cheia de estima que
este sexo me inspira! Jesu-
minha mocidade, não cessou
de ser a fonte de minhas mais
doces consolações.

Assim eu tenho triumphado
d'uma inclinação secreta pa-
ra a melancolia, cujas acce-
sões tornaram-se cada vez menos
frequente, graças ás milhe-
res e á poesia. Bastar-me-
ia agradecer ás mulheres,
porque a poesia me vem dellas
(Baranger.)

Não ha amigo tão agradá-
vel, com uma amiga que nos
ama. (Bernardin de Saint
Pierrey)

Quando se está displacente
vai se vêr seo amigo e fumar
um cigarro com elle, mas,
quando se quer passar a mes-
mor parte do dia deixa se sen-
tar-se ao canto do Mar d'
sua amiga (P. J. Stahl,

O amor d'uma mulher
não é muitas vezes sinão uma
necessidade de seus sentidos;
sua amizade é sempre uma

FOLHETIM

Eis que todas correm, quer não
pôria reconhecer o verdadeiro
cunho das jangadas.

Ah!... é verdade, não veem para
cá, diz D. M. não para o Lessa.

Come effeito as jangadas lavião da-
do um grande barido, tinham se
feito ao alto para alertarem aquil-
la praia cujo direcção tomavam e
a jangada as avistão mais.

As ondas palpitantes espariavam
se pelo comoro da praia, indol-
mhar os pés das graciosas passei-
antes, marchotando-as d'arcia e sar-
gãos.

Além uma jangadilha de vela fca-
da fluctuava quasi aqalto mar.

D. M. avistando-a dizia aquella
jangadilha vem em direcção á
ponta.»

Uma outra conta lava se não só
ella como mais duas que muito além
divulgo, tomão outro rumo, não-
vêm para a ponta, e, para afirmar
o que venho de dizer, vou deitar
o binoculo.

Ah! agora me recordo o binoculo
está em casa do Sr. Candido
Jayme.

Chama por uma irmanzinha e man-
da buscá-lo.

Em poucos momentos vem cha-
gando a criancinha, que trazia o
objeto procurado.

FOLHETIM

Em tudo vejo um sonho, uma es-
perança,
que jamais se revela!

A moça ouvio-o e orgulhosa con-
tinuava a nallar, como que que-
ranto mostrar sua pericia, mas
qual?... enbriagueou?

Uma rajada de vento trouxe até
ao Sr. M. a palavra—se corre?

Quem sustenta e por que se so-
brija com um grande pismo de to-
dos os lados a fuzilla, que, riujo
de repente, murmurava os qui-
ta.

Es qual o intrepido donzoga
que da Ilha sahia.

Fluctuando no dorso d'uma vaga
em busca de fariña

Bravos... muito bem, exclama-
rão todos, que lindo verso! Como a
menina tem a imaginação poetica?

Enão pôia deixar de ser assim.
dizia uma moçoila, pois, a minha
amiga vinha tão bem como se esti-
tivesse em uma *jangada*.

Não digo tanto, responde a Sr.
D. M. porque uma jangada não é
construida d'un só pau e o Sr. ali
poderia, quando muito, equiparar-
se a um e não a muitos.

«Perdi, minha Senhora, eu tam-
bem não sou... *uma pau jangada!*

FOLHETIM

Entre dois amigos:
N'uma palavra, casate-
por inclinação ou por calculo?

Eu te digo: a minha noiva
é muito feia e tem seis mi-
lhões de dote. Faça pois um
casamento de puro calculo,
pelo que respeita á pessoa
de minha futura mulher, e
um casamento de inclinação
pelo que respeita ao dote.

Julga se do maior interesse
offerecer á consideração das
pessoas, amigas de jejuar, os
seguintes versos, primorosa
produccão do exímio poeta
Perambucano, Padre Anto-
nio Gomes Pacheco.

Pergunta certa senhora,
sem presumir mal alguma,
Si um beijo em sexta feira
pára quebrar o jejum.

Glosa
Entre o discípulo, eo Padre
Mestre.

Discipulo—Meu Padre Mestre
ilustrado,
Pedem-me o saber desejo
Se quebra jejum um beijo
Tendo em sexta feira dado?
Padre Mestre. Não tenho ain-
da encontrado
Casos desses té agora;

Está sendo por ponta da Campina
na l'va do mencionar.
Ali está o penas o Nazianzeno, i-
solado, porém, sempre contando
uma pithoria e gabando-se de ter
s'oreado uma cavalla cavalla....
Ora, diz elle, assim é que se pas-
sa a festa, o mais é ser *ponché*.

«Aqui ninguém me incomoda
apanho á fresca os meus cajús,
e guajús e... passo vida folgada
em fazer lá muita despeza.

Vizita, quasi que não tenho
nehuuma, portanto não me foi preci-
so trazer da Citha o vinho, queijo,
passos e fagos, porque toda essa
trapaça de nada vai; pois não en-
che bodega e esgota a bolsa.

O Bessa é antigo condado do Ca-
pitão Moura me informão que este-
ve muito bom e consta que por lá
existem 2 bairros, um democrata e
outro aristocrata.

O meu amigo Dr. Candido Pinho
mago muito distincto e intelligen-
te, prometteu-me descrever esses
dous bairros e a chegada das jan-
gadas que com tanta curiosidade
forão avistadas da ponta.

Também esteve magafico, foi
para onde atluio maior numero de
moças bonitas e no meupassar, é
uma das melhores praias da Para-
hyba.

Além de ser muito perto da ca-
pital é a unica, á que nunca falta
bom peixe e os melhores cajús.

Atulair.

E' preciso a demora... Discipulo: Vile... Padre Mestre. Pois si...

Silencioso, não falou; Que a l... Poder dar o que são; E quando, si...

Discipulo Pois uma... Que par tá segredos vojo, Diz nas que...

Nem a deu por verdadeira, E nem posso, ainda que...

Padre Mestre Sim, mas não... Netu, fazer conceito algum;

Nem ha de dar mais que um; E si o der fazendo go to, Sendo o bejo já compacto, Fará quebrar o jejum.

Entre os illustres Cidadãos... Agostinho... Padre Mestre...

Entre os illustres Cidadãos... Padre Mestre... Padre Mestre...

Entre os illustres Cidadãos... Padre Mestre... Padre Mestre...

Entre os illustres Cidadãos... Padre Mestre... Padre Mestre...

Entre os illustres Cidadãos... Padre Mestre... Padre Mestre...

Entre os illustres Cidadãos... Padre Mestre... Padre Mestre...

A' BORDO

De ti eu me parti; e só agora Contemplo a immensidade do oceano, Mas o tu ser, creança, decegano, Me occupa o pensamento como aqu'era, Bem sei que tu já n'este hora, Não te lembras d'aquelle que bramo...

Pedimos ás pessoas, que não quizerem se dignar de nos dar o nosso jornal, o especial favor de devolverem-nos a esse empacotação, dentro do prazo de tres dias...

A Redacção.

A morte em sui passagem de... não ha poupado...

Muitos de muitos velos que tocam... o general... o mesmo...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

será o preferido, quer pelo lado da fé, quer pelo lado pecuniario e desde que o governo decreta uma lei, embora de grande alcance social, mas, que não lhaitões á consciencia e lesa a bolsa, attrahe, como já dissemos, o odio tanto dos pobres como dos ignorantes.

O que deixamos dito não é um producto de intuição, é antes um conhecimento que não é revelado pela pratica, pois não raras vezes ouvimos dizer que a lei do casamento civil não é mais que um embuste, um meio capcioso de que o governo lança mão para tirar do povo o dinheiro com que tem de manter seus officios.

Bem se sabe que, os que assim dizem, ou fazem por ignorancia ou procedem de mal-fé, mas quer a' um, quer n'outro caso, compr hendemos que se o governo não deve dar armas aos seus inimigos, tambem não pede inutilidades, pois a missão do governo é levar o país a um estado tal de aperfeiçoamento, que possa fazer a maior felicidade de seus filhos.

Aqui, pois, parece-nos que a gratuidade do casamento civil, era c'le uma medida perniciosa para o governo, que creava inimigos e para o povo, que a soffria com grande constrangimento e sacrificios.

Hoje parece que o casamento civil só se apresenta como uma garantia da liberdade de consciencia, hoje que todos vemos n'ello uma medida de grande alcance politico social, um elemento de ordem e prosperidade para a republica brasileira, tal o divido ao patriotismo do Dr. Epitacio felicitamos ao povo porque é a elle que mais interessa, ao governo; porque se acceita a nobre moço porque é digno de estima e orgulho de todos os parabybanos.

A estrella do G... A estrella do G... A estrella do G...

ANNUNCIO RETRATOS

PHOTOGRAFIA ALIANÇA Rua Dr. Aristides Lobo no. 90 (Antiga d'Arcial)

A melhor neste genero preparada para executar todo e qualquer trabalho com utilidade e brevidade.